



Questão de educação: como o turismo ensina?

A matter of education: how the tourism teaches?

Bruno Manhães¹

Adriana Locatelli²

Resumo

Por este artigo, elabora-se uma reflexão acerca das interfaces da atividade turística e da educação. Tal inquietação surgiu com base na ideia da urgente implantação da educação moderna, da irrevogável formação universal e da habilidade de aprender a viver junto. Sabe-se que o turismo coloca em contato diversas pessoas, as quais carregam diferentes pontos de vista, cosmovisões, interpretações do entorno e distintos capitais culturais — sendo essas interações favorecedoras do processo de autoeducação. Assim, o objetivo foi o de proporcionar uma nova perspectiva da união do fenômeno turístico à formação educacional dos indivíduos, e, para tanto, foram estudados os principais mecanismos que podem fazer do turismo uma experiência de cunho educativo. Este artigo é, pois, um ensaio teórico cujo resultado é a constatação de que o turismo atua como agente educacional e apresenta características que catalisam o processo de construção dos conhecimentos.

Palavras-chave: experiência turística, educação, pedagogia, ensino, aprendizagem

Abstract

This article elaborates a discussion about the interfaces between the tourism activity and the education. These concerns came from the idea of the urgent implantation of the modern education, the irrevocable universal formation and the ability of how to learn to live together. Following in the idea,

¹Graduado em Turismo e Hotelaria (UNOPAR), Especialista em Metodologia da Ação Docente (UEL) e Mestre em Turismo Internacional (ULPGC), sendo este último aluno bolsista do TourEspana. Professor do Centro Paula Souza e do SENAC, ambos em São Paulo.

²Graduada em Psicologia pela UEL, com especialização em Psicanálise. Mestre em Educação pela UNiversidade Estadual de Londrina, docente do departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina - Paraná. Email: adrianalocatelli1@gmail.com

it's recognizable that the tourism put in contact a diverse amount of people, which hold distinct points of view, cosmovisions, environment's interpretations and different cultural resources — and these interactions could stimulate the self-education process. Therefore, the objective was to provide a new perspective of the combination of the tourism phenomenon to the human educational formation, and, to reach this purpose, the central mechanisms that could transform the tourism into an educational experience were defined. To reach all these intentions it was settled a deep bibliographical-based investigation methodology. As conclusion, the article revealed the tourism as a potential educational agent and had presented its characteristics which catalyses the knowledge construction.

Key words: ism experience, education, pedagogy, teaching, learning process

1. Introdução

Este é um ensaio teórico que pretende examinar as conexões entre a atividade turística e a educação, ao mesmo tempo em que evidenciar os argumentos pedagógicos que estimulam à formação dos conhecimentos e ao processamento das informações. Sua relevância justifica-se em um pequeno argumento selecionado: “[...] o turismo mundial pode ser uma força vital à paz mundial e pode constituir a base moral e intelectual da compreensão e interdependência internacionais” (OMT, 1980, § 4.o).

Tem-se como verdadeira a ideia de que a modernidade contempla a interação de pessoas provenientes de todas as partes do mundo, que, sob uma mesma organização social, manifestam suas culturas por meio de variadas formas de expressão. Durante toda esta investigação, estiveram presentes esses cenários multiculturais, bem como a necessidade de o homem engrandecer-se de conhecimentos interculturais para adequar-se à nova realidade.

Importante salientar que a intenção principal, aqui, é evidenciar os mecanismos pelos quais a experiência turística pode ensinar — por isso o foco de análise não esteve concentrado em exibir quais os tipos de conhecimentos obtidos (e também porque não se acredita que isso seja possível), mas como (ou por que) o ato de fazer turismo colabora no dito processo. Entretanto, considera-se, sim, o fato de que aprender valores éticos, morais e cívicos no sistema formal de ensino (e por meio de uma educação sistematizada) não garante aos sujeitos a aplicação desses valores na vida; ao passo que, quiçá pela vivência real e pela experiência concreta, tais valores são verdadeiramente incorporados pelo indivíduo que vivenciou uma experiência turística genuína.

É fato que o conceito base para a construção das ideias aqui abordadas tomou como preceito a informação de que as diferenças culturais são uma grande fonte de aprendizagem e que o turismo pode servir como uma alavanca de contatos. Quando se toma em consideração um dos pilares básicos da educação moderna — aprender a viver junto (MORIN, 1999) —, é possível pensar que uma experiência turística propicia a tolerância no relacionamento humano, já que permite aos participantes a aprendizagem legítima de diferentes valores e conceitos de mundo.

Logo, tenciona-se, nas próximas linhas, proporcionar uma nova compreensão da perspectiva da união do fenômeno turístico à formação educacional dos indivíduos. Para tanto, serão definidos os principais mecanismos que podem fazer do turismo uma experiência de cunho educativo. Por esse motivo, pensou-se ser necessário reconhecer a experiência turística como atividade sócio-educativa, detectando os principais argumentos pedagógicos que justificam o fazer turismo como uma experiência educacional que o identifique como importante instrumento de autoeducação. Percebe-se, por fim, que a diretriz principal não é a temática da educação turística, tampouco as modificações das grades curriculares dos cursos acadêmicos da área, senão uma formação mais humanizada dos homens como seres sociais.

Assim, a pesquisa baseou-se nas ciências da educação e da turismologia, convergindo, no decorrer do trabalho, com a pedagogia. Em virtude dos conteúdos presentes terem por objeto uma reflexão sistemática, traçou-se um plano de atividades que deveriam ser realizadas; assim, a coleta de dados foi alcançada especialmente por meio da investigação bibliográfica, uma vez que o tema retratado se relaciona com fenômenos relativamente dispersos.

Para iniciar o reconhecimento da experiência turística como dispositivo de educação, analisaram-se as obras *Introdução ao turismo* (OMT, 1998) e *Análise estrutural do turismo* (BENI, 1998), e igualmente aquelas que apresentam algumas definições de caráter mais humanístico (*Declaração de Manila sobre o turismo mundial*, 1980; *Código de Ética para o Turismo*, 1998 e *O olhar do turista*, Urry, 2001). Relativos à ciência da educação, os livros: *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*, 1999; *A educação encerra um tesouro: informe da UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI*, 1995; *Pedagogia da autonomia*, 1997 e *Piaget: o construtivismo na psicologia e na educação*, 1996, tomados como principais.

2. Considerações sobre o fenômeno do turismo

Para a compreensão desta leitura é indispensável que sejam distinguidas as diferentes interpretações que rondam a atividade turística. Sabe-se que o fenômeno do turismo é

complexo, e, por isso, torna-se praticamente impossível expressá-lo corretamente, uma vez que seu conhecimento se constrói em diferentes áreas de estudos e correntes de pensamentos (BENI, 1998). Em conjunto a isso, há que se pensar sobre seu desenvolvimento sustentável, o qual, conforme Sachs (2002) envolve sete critérios pertinentes a distintas esferas de atuação — social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política. Assim, fica manifesta a grande amplitude e, portanto, as potencialidades que ele implica.

Desse modo, a fim de manter a linha de entendimento sobre o turismo, assume-se que a intenção, aqui, é evidenciar o caráter humanizado e educativo da atividade, e não defini-la ou conceituá-la e, por assim dizer, delimitá-la — o que pode expressar certa subjetividade ao artigo. À parte de definições ditas oficiais, nesses tempos pós-modernos, diante da mundialização, da hibridez das culturas (CANCLINI, 2001) e da complexidade do presente (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004), o homem vem buscando, com o auxílio das viagens e dos próprios momentos de lazer por elas concedidos, encontrar-se e entender-se como um ser que pertence a um sistema maior, tendo em mente a sinergia de suas ações e decisões. Agora, parte-se em busca das próprias raízes e

se complementa por um atirar ansioso de olhares sobre outros territórios, como se as parcelas constitutivas de cada um estivessem espalhadas, por obra do acaso, sobre pontos diferentes de um mundo agora demasiadamente pequeno (URRY, 2001, p. 10).

É fato que o desejo da mobilidade é antigo; no entanto, os propósitos agora parecem sofrer transmutações. Nos tempos atuais, viajar para conhecer e para conhecer-se faz parte da formação pessoal, uma vez que a fragmentação dos conceitos de mundo se faz naturalmente presente. Cada sujeito viaja com uma intenção, com uma motivação e com desejos particulares, a fim de responder a questionamentos pessoais sobre os mais diversos assuntos. Assim, entende-se que cada indivíduo pode conceber o turismo desde uma perspectiva pessoal e individual. Tudo aquilo que os homens fazem em sua existência cotidiana pode apresentar conotações próprias do fenômeno turístico — as inovações, os contatos, os descobrimentos ou as improvisações, que, por sua frequência e sua forma implícita de estarem presentes, acabam cruzando sua rotina despercebidamente.

Em virtude dessa presença constante, vislumbra-se que o turismo assumiu um semblante sócio-educacional e será tratado, aqui, como uma experiência: a de viajar. Com base nessa visão mais humana do turismo — ou da experiência turística —, percebeu-se que ele

³Apresentação da obra *O olhar do turista*, de John Urry, escrita por Danilo Santos de Miranda, diretor do Departamento Regional do SESC no estado de São Paulo.

pode transformar-se em um elemento de cooperação e de desenvolvimento da formação pessoal e deve ser compreendido como instrumento de apoio aos processos de aprendizagem, tendo claro que a atividade turística é o veículo que fomenta mais abertamente o contato e o diálogo com 'os que são distintos de nós mesmos'.

2.1 AS INTERFACES HISTÓRICAS DO TURISMO E DA EDUCAÇÃO

Já se sabendo que o caráter contemporâneo de perceber o fenômeno turístico envolve elementos de educação e formação pessoal e que o mesmo se dá de forma particular, aclara-se que não se trata, aqui, de expor todo o processo evolutivo do turismo, tampouco de datá-lo em seus momentos principais, mas sim, levando-se em conta o argumento educacional, de articular rapidamente as evidências históricas sobre seu divisor de águas: o Gran Tour.

De certo modo, a afinidade do fenômeno turístico com a educação e seus aportes à formação pessoal não é tão recente. Retrocedendo brevemente na História, a Idade Média teve sua participação e colaborou parcialmente com as viagens de intenção educativa.

Mesmo que não baseada em suficiente documentação científica, é possível afirmar que, durante mencionado período, as peregrinações assumiram aspectos significativos na paisagem europeia, quando não, estratégias políticas e devoção intercambiaram objetivos e motivações. Nesse tempo, os turistas viajavam por questões de estudo, lendo seus textos sagrados e aprendendo sobre o lugar e sua história. Durante seu trajeto, descreviam detalhadamente a paisagem, transcendendo o tempo e o espaço. Ao regressar, publicavam seu material e suas sabedorias religiosas (THOMAZ, 2003, p. 2).

Passado certo período, verifica-se que o século XVI e o início do XVII estiveram marcados pelos descobrimentos e pela colonização do Novo Mundo. E os séculos XVIII e XIX foram distinguidos pela ideia do "progresso científico e técnico, pelo conforto, alfabetização, instrução e democracia" (OLIVIERI, 2002, p. 1).

Hoje, sabe-se que um dos efeitos mais evidentes da globalização é o imenso fluxo de pessoas entre países e hemisférios. Viagens fazem parte de um mundo interconectado e complexo, inclusive as viagens por simples prazer em que se busca viver algo completamente diferente da rotina. Sem embargo, nem sempre o conceito fora esse. Antigamente, não somente na Inglaterra como na Europa em geral, havia-se estimado que as viagens significavam

⁴Mesmo que sejam figuras distintas, nesse sentido, aceitamos utilizar 'os turistas' relacionando-os com os peregrinos, pois há uma notável coincidência em seus ideais de viajar para obter conhecimento e autoconhecimento.

estudos e traduziam-se em desenvolvimento e melhoria da própria personalidade. “A viagem funcionava como uma Academia em movimento” (ROLAND, 2004, p. 3).

Antecedente ao fervor da Revolução Industrial, um dos passos mais importantes de meados e fins do século XVIII foi o denominado Gran Tour. O presente estudo trata o Gran Tour como o ponto inicial do turismo sob o aspecto de agente colaborador da formação pessoal e de apoio à educação, em função de estar devidamente documentado e de existir uma motivação transcendental da viagem. Distintas correntes e autores afirmam que o turismo se iniciou em tempos muito mais remotos; entretanto, tal tema não será discutido, uma vez que, de acordo com o que esclarece Escalona (2005), com caráter pedagógico-educativo essa viagem foi, de fato, a precursora.

Sob o nome de Grand Tour reconhecem-se as viagens dos filhos de personagens burgueses da Inglaterra pela Europa com intenção de completar a educação. A (então nova) modalidade alcançou a glória na década de 1770 e foi rapidamente imitada em outros países do Velho Mundo. Conforme observou Salgueiro (2002), Adam Smith pronunciou que o costume se tornava cada vez mais frequente entre as famílias ricas, que mandavam os filhos em viagens a países estrangeiros ainda jovens para aprender idiomas, assim como para edificar-se e distraírem-se.

Desse modo, a viagem converteu-se na soma de uma série de ações exacerbadas a um ponto nunca antes alcançado. Era hora de medir, palpar, ver, observar ao vivo e se deixar guiar pela ciência e pela experiência. Era o desejo de ‘ser testemunhas’, de ‘estar aí’, de ‘experimentar em carne própria’ o conhecimento de terras distantes [...] (ROLAND, 2004, p. 2).

A inspiração dos alunos-viajantes dessa época era instruir-se — e, posteriormente, instruir aos que não haviam participado — com a realidade diante dos olhos; “viajar era melhorar-se por meio do exemplo alheio” (ROLAND, 2004, p. 4).

Nessas viagens, a princípio, tudo poderia ser objeto de estudo. Não obstante, ainda que as bases científicas não estivessem excessivamente especializadas e os viajantes não fossem sujeitos intelectualizados, deles nasceu uma bibliografia bastante grande (FREIXA, 1992). Inicia-se, nesse momento, o marco acadêmico. O novo cidadão educava a arte de pensar, desfazendo-se de preconceitos. Somado a outros conceitos, a viagem converteu-se em um caminho de reflexão, uma experiência pessoal e íntima na qual os viajantes buscaram alcançar, em lugares distantes, a informação e a visão necessárias para educarem-se — e prepararem-se para um novo mundo. Nesse momento, a viagem, a ciência e a educação mesclaram-se.

Ante o exposto, percebe-se que o Gran Tour deixou seu legado ao mundo da educação, aportando valores, métodos e nomenclaturas. Foi o primeiro grande passo documental da fusão da aprendizagem (seja pessoal ou direcionada à coletividade) às viagens de aprendizado realizadas pelas elites aristocráticas.

Para sintetizar a essência do Gran Tour e seu valor, “a viagem foi experimentação pura, e não ócio ou divertimento”. “O livro de viagem transformou-se em uma ferramenta de controle, e a viagem, em si mesma, transmutou-se em ciência” (ROLAND, 2004, p. 3). Bastante tempo se passou, e, após o fenômeno do Gran Tour, as viagens com intenção de intercâmbio cultural intensificaram-se, e, somente depois da Segunda Guerra Mundial, a idéia popularizou-se.

A vontade de atingir um estado de paz levou ao estreitamento dos laços entre os povos, e o turismo, por fim, foi vislumbrado como elemento-base para a conquista de tal condição. Mediante essa situação, organizações turísticas responsáveis criaram, gradativamente, segmentos de turismo extremamente ligados ao mundo da educação. Sob uma grande variedade de nomes está o turismo com finalidade educativa. Todas elas seguem um mesmo princípio (a educação); contudo, apresentam distintos enfoques, tendências, aplicações e atuações.

Como exemplos educativamente assumidos, mencionam-se o turismo educacional, “de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes” (BENI, 2007, p. 473) e o turismo científico, que “manifesta atuação no setor de pesquisa e desenvolvimento [...] também chamado de turismo acadêmico, turismo de estudo e turismo de especialidade” (ibid., p. 474).

Portanto é possível apreender que o ato de viajar pode ser, de fato, um útil recurso à metodologia do ensino e da aprendizagem. É permitido, também, concluir que essa atividade mantém, relativamente implícitas, importantes facetas educativas —suprimidas pela sistematização e formalidade da educação brasileira tradicional. Por isso é necessário considerar a principal corrente educacional que preconiza a informalidade e a intervenção social como fatores fundamentais para o processo educativo, por meio da qual se justificam as bases de eleição do tema deste artigo.

3. A educação construtivista

A educação contemporânea suscita a formação holística do ser humano, pois preconiza o desenvolvimento pessoal composto por experiências, vivências, conhecimentos e novas visões de mundo em distintos panoramas (MORIN, 1999). Assim, pode-se dizer que o turismo é uma das maneiras para alcançar-se essa finalidade, porque tem em si a vantagem

de relacionar, de maneira simultânea, a aprendizagem com muitos desses aspectos. Para que se possa conceber o turismo como educação, é necessário conhecer a Teoria de Educação que dá embasamento à realização deste estudo. Chega-se, assim, ao Construtivismo.

“O Construtivismo surgiu da epistemologia de Jean Piaget, psicólogo e epistemólogo suíço, na primeira metade do século XX e pressupõe transformação; é um movimento de mudança e, por isso, repleto de aberturas e possibilidades” (CALIGHER, 1998, p. 12).

“Por insinuar mudanças de visão, o Construtivismo busca considerar o conhecimento a partir da interação de dois diferentes elementos: o sujeito histórico e o objeto cultural” (PACHECO, 2003, p. 3). O Construtivismo é herança do movimento iluminista, fiel defensor da capacidade humana de guiar-se pela razão e, por meio dela, criar e recriar o mundo. A teoria baseia-se na ideia de que o ser humano não nasce inteligente e também não é totalmente moldado pela força do meio; pelo contrário, interage com ele, respondendo aos estímulos externos e, de acordo com seu desenvolvimento, analisando, organizando e construindo seu conhecimento.

Reforçando: a educação construtivista compreende a ideia do ‘em processo’, do ‘estar-se construindo’, explicando o conhecimento como algo não finito. O meio físico e social é uma questão de extrema importância, pois a interação do indivíduo com esse meio e suas ações vai contribuir efetivamente para o processo de construção do conhecimento. E, assim, de sucessivas e permanentes relações de assimilar e acomodar os conhecimentos, o sujeito ‘adapta-se’ ao meio externo em um grande processo de desenvolvimento cognitivo e, por estar em constantes processos de influência mútua, está sempre se construindo.

É interessante perceber que a ênfase se dá na tematização, e o conhecimento só pode ser visto como um ‘tornar-se’, e não como um ‘ser’. Concluindo: o Construtivismo afirma que as pessoas constroem seu conhecimento interagindo de forma ativa com o meio ambiente. Não se é, nem se pode ser, um mero banco de memórias que absorve passivamente o que se vê, ouve, sente, toca ou lê, pois não é desse modo que se constrói conhecimento. “Os teóricos do Construtivismo constatam que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem, o que equivale a dizer que ele atua de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia [...]” (ROSA, 1997, p. 41).

Pode-se então compreender o Construtivismo como uma postura educativa que busca a sintonia entre o ato de aprender e a aprendizagem. Na perspectiva turística, pode-se dizer que o conhecimento é construído com o auxílio das percepções e das informações que o viajante recebe ao longo das relações sociais que estabelece — e da interação com o meio visitado. Com essa autonomia, o sujeito busca assimilar os objetos, os fenômenos e os acontecimentos a fim de encontrar respostas para os problemas trazidos pela própria assimilação — e é justamente esse esforço que aperfeiçoa sua capacidade cognitiva. Portanto a

experiência turística, no contexto da educação construtivista, ajuda a valorizar não somente o conhecimento em si, mas o processo de aprender.

3.1 CONCEBENDO O TURISMO COMO EDUCAÇÃO

Como observado, os deslocamentos humanos e o fenômeno educacional já se cruzaram na trajetória da humanidade e culminaram em descobrimentos essenciais ao avanço social. Castelli recorda muito bem quando disserta:

A história mostrou-nos que o resultado do contato, do confronto das pessoas de nacionalidade diferentes, e isso desde épocas muito remotas (assírios, babilônios, gregos, romanos) até nossos dias, tem fomentado não só o comércio internacional como também o intercâmbio cultural, a inter-relação entre as pessoas de nacionalidades distintas com seus usos e costumes peculiares (CASTELLI, 1990, p. 122).

No entanto, ainda que as necessidades de hoje sejam distintas das carências passadas, segue presente o compromisso de educar-se integralmente e compreender o mundo e sua diversidade. Considerando o valor intrínseco da educação para o crescimento e dignidade das pessoas, um maior nível educativo de toda a população é elemento crucial para o desenvolvimento humano de um país; por isso, relacionar a irrevocável educação universal com movimentos de grande incidência mundial (a atividade turística) pode ser uma ferramenta de grande alcance.

Oaigen (1994) indica que a educação busca reconhecer a dinâmica envolta nos atos de ensinar e aprender e tenta manifestar a relação entre conhecimentos pré-existentes e os novos conhecimentos. A aprendizagem não seria apenas inteligência e construção de conhecimento, senão que, primordialmente, a identificação pessoal e a relação das coisas por meio da interação de pessoas — situações naturalmente proporcionadas pela atividade turística.

Esses encontros e contatos humanos facilitados às pessoas em suas experiências turísticas podem ser muito importantes, pois, além de favorecerem o surgimento de novas amizades, propiciam conhecimentos e fomentam o enriquecimento sociocultural. E isso, seguramente, também é educação. Tal afirmação está pautada no que revela Brandão (1995, p. 10) que, discorrendo sobre o amplo sentido da educação, expressa que ela “é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras intervenções de sua cultura, em uma sociedade”.

Todos esses pressupostos são necessários, portanto, para a compreensão do turismo como fenômeno não exclusivamente econômico, mas também social, cultural, comunicacional e subjetivo. Nesse argumento, o turismo deve ser utilizado como aparelho da educação. Uma experiência turística como fonte de instrução não é, necessariamente, uma viagem pensada com esse propósito, mas, pelas próprias características da atividade, resulta em conhecimento dos lugares e na absorção da essência educativo-cultural deles, conhecendo o contexto, a história e aprendendo 'em tempo real'. Martínez (2005) explica que existem duas formas de encarar uma viagem: a primeira, como uma forma de entretenimento, mudança de cenário, descanso da rotina diária.

A segunda forma corresponde ao turismo de cunho educativo; as pessoas que programam uma viagem com essas características não só ponderam o descanso e a distração como planejam voltar ao lar, enriquecidas pelas vivências e conteúdos obtidos, produto da assimilação de conhecimentos através da viagem (MARTÍNEZ, 2005, p. 1).

Antes de empreender uma viagem, é, pois, fundamental que o indivíduo aprenda um pouco de história e geografia da província ou localidade que irá visitar e também o histórico cultural dos povos com os quais irá interagir, ou, em outras palavras, um turista que "escolhe a região para onde vai com todo conhecimento de causa" (KRIPPENDORF, 2009, p. 184) facilita a compreensão e a coexistência pacífica dos distintos conhecimentos.

Quando, então, faz-se uma aproximação das esferas turística e educacional, é possível verificar que a viagem se compõe de distintas fases e, inclusive, se mostra educativamente importante em momentos precedentes ao deslocamento em si. Pacheco (2003) reflete que as viagens têm, por si mesmas, três níveis bastante úteis ao processo educativo: a) a fase anterior: em que se desperta a curiosidade pelos lugares futuramente visitados; b) a viagem em si: que permite a integração com grupos locais, concebendo um conhecimento mais detalhado sobre suas particularidades e c) a fase posterior: que oportuniza o estímulo à continuidade do intercâmbio entre participantes e membros do local visitado.

Assim, percebe-se, com base nessa classificação, que as experiências turísticas verdadeiramente assumem conotações educacionais, especialmente no âmbito da educação contemporânea. Não obstante, como e por que se dá esse processo?

Antes de se colocar em efetiva exposição os fundamentos pedagógicos que unem uma experiência turística à instrução pessoal ou coletiva, sugere-se esclarecer a sistemática científica aqui utilizada para evidenciar tal argumento. Para comprovar a eficiência da atividade turística no processo de formação educativo-humana, recorreu-se a pilares teóricos de determinadas ciências, como a Psicologia do Ensino e da Aprendizagem e a Pedagogia. As-

sim, os próximos conceitos estão construídos na intenção de evidenciar a natureza aberta do turismo e de validá-lo como uma maneira eficaz de ensinar, aprender e educar(-se).

Entende-se que a atividade turística instrui o indivíduo ou o coletivo informalmente, posto que ocorre no cotidiano das pessoas e nas relações; essa ação cotidiana e informal refere-se à troca de experiências e à manutenção dos valores da sociedade ou de um grupo específico na sociedade. Essa instrução pode ser identificada como processos e funções que acontecem nas interações das pessoas — são inerentes à ideologia comum e aos valores preservados pela 'nova' sociedade na qual se insere temporariamente por meio da experiência turística.

As relações diárias acontecem de maneira informal, e nelas se manifestam as ações educacionais, muitas vezes não intencionadas, contudo sempre carregadas desses valores. Todas as relações (humanas, naturais ou das coisas) são educativas porque ampliam a experiência de mundo. Desse modo, o turismo transforma-se num poderoso meio de educação informal, pelo qual se aprende, de maneira ocasional ou intencional, os distintos conhecimentos e habilidades. Mesmo sem assumir explicitamente a intenção de ensinar, sempre (e ainda que não se queira) se aprende algo implicitamente: uma visão de mundo, da sociedade ou uma nova forma de compreender a relação das coisas (MUÑOZ, 2002).

Segundo Beni (1998, p. 74), "a mobilidade proporcionada pelo turismo põe em contato muitas pessoas, amplia e enriquece a maneira de pensar e de atuar, expandindo o acervo cultural". É justamente isso o que propõe a educação moderna, baseada aqui na anteriormente mencionada Teoria Construtivista, uma vez que exige novos cenários e novas experiências que visem à formação integral do ser humano. Os turistas passam a entrar em contato com o objeto, constroem visões mais críticas sobre o mundo ao redor e estabelecem outra percepção da realidade.

Portanto, uma vez compreendidas as proposições que nos conduzem a entender como o turismo pode ser aplicado como agente educador, passa-se às argumentações científicas eleitas no cenário da Psicologia e da Pedagogia, que, mais detalhadamente, podem cimentar as hipóteses aqui delineadas.

4. Como o turismo ensina?

4.1 A APRENDIZAGEM PELA EXPERIÊNCIA

Possivelmente um dos âmbitos mais contemplados pelo turismo, quando relacionado com a educação, é a aprendizagem pela experiência, especialmente quando se leva em conta

que, em uma viagem, o indivíduo é (quase) sempre um participante ativo. Essa aprendizagem pela experiência (que, quando associada às viagens, recebe o nome, em inglês, de 'experiential travel') é considerada como o método que consente ao sujeito a possibilidade de integrar-se ao contexto, já que permite que ele seja elemento ativo da aprendizagem (PIMENTEL, 2007).

Pimentel (2007) ainda reflete que esse feito abre o horizonte da compreensão, da assimilação e da interação entre o conhecimento, a pessoa e seu cenário. Assim, a aprendizagem pela experiência representa uma formação educacional integral, que envolve os aspectos físico, emocional e intelectual do participante, combinando a própria experiência com a percepção, a cognição e a conduta.

De acordo com Jiménez y Gómez (2008), a experiência de estar em ambientes pouco familiares gera dissonâncias cognitivas e leva a pessoa a uma situação de resolução de problemas, à formulação de perguntas e aos processos de reflexão pessoal e coletiva. Esses autores, citando John Dewey, revelam que, graças à ação de 'aprender fazendo' (do inglês *handson*), a pessoa é confrontada diretamente com o resultado das próprias ações, "ganhando a possibilidade de aclarar o significado e a validade de suas condutas e crenças" (JIMÉNEZ Y GÓMEZ, 2008, p. 71). Nessa linha, o fato de participar ativamente de uma experiência turística e aprender com ela leva o turista a desenvolver-se holisticamente.

Pedagogicamente, o fato de viajar para aprender (ou aprender pela experiência) tem como epistemologia e metodologia a possibilidade de propiciar condições para que o indivíduo se construa socialmente como um ser com visão e poder de intervenção diferencial, ou seja, que seja capaz tanto de construir a leitura do todo, como de poder analisar as partes. Sob os olhos desse modelo de Pedagogia, uma experiência turística pode transformar-se em uma importante estratégia didática para que as pessoas tenham oportunidade de construir seus conhecimentos, já que é um momento de encantamento e descobertas.

Iluminada pelas teorias de Kolb (PIMENTEL, 2007) e já no contexto pedagógico, a aprendizagem experiencial parte do pressuposto que o fato de aprender por meio da experiência não implica afirmar que qualquer vivência culmina em aprendizagem. Vale lembrar que a aprendizagem é, acima de tudo, mental; portanto, para tornar próprios os saberes procedentes da experiência, são necessários processos contínuos de ação e reflexão. Assim, esclarece Pimentel (2007, p. 1):

O homem é um ser integrado ao meio natural e cultural, capaz de aprender a partir de sua experiência; mais precisamente, da reflexão consciente sobre a mesma. Uma pessoa aprende motivada por seus próprios propósitos, isto é, empenha-se deliberadamente na obtenção de aprendizado que lhe faça sentido.

Em desenlace, é sabido que a educação é social: é a conquista de um modo de agir comum. Nada se ensina ou se aprende senão por meio de uma compreensão comum ou de um uso comum.

O conhecimento é social, não existe somente em livros, fórmulas matemáticas ou sistemas filosóficos; requer aprendizagem interativa para interpretar e elaborar estes símbolos. O processo de aprendizagem advindo da experiência determina e atualiza o desenvolvimento potencial. Esta aprendizagem é um processo social; portanto, o curso de desenvolvimento individual é determinado pelo sistema cultural e social de conhecimento (PIMENTEL, 2007, p. 1).

“Através de experiências de imitação e de comunicação com outras pessoas e de interação com o ambiente físico, as potencialidades de desenvolvimento são estimuladas e postas em prática até que internalizadas como desenvolvimento efetivo (real) independente” (PIMENTEL, 2007, p. 1). Desse modo, com consecutivas interações e processos mentais experienciais, é possível supor que o turismo pode, de fato, gerar algum tipo de aprendizagem no participante e, por fim, promover a educação.

4.2 A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA

Os teóricos cognitivistas defendem a ideia de que o comportamento do sujeito é determinado por seu pensamento, e não apenas pelas recompensas que tenha eventualmente recebido. As pessoas reagem às próprias interpretações dos eventos externos, em vez de responderem aos eventos em si. Assim, são fatores internos (como a motivação) que determinam o comportamento de cada indivíduo (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004).

Entende-se que a motivação, em linhas gerais, é a energia psicofísica que dá intensidade ao esforço do indivíduo para atingir determinado objetivo; e essa energia pode ser considerada o fator que rege a vida, que dirige e integra o comportamento humano — dentro e fora do contexto educacional. Portanto, tudo aquilo que o sujeito faz, com mais ou menos intensidade, do início ao fim da atividade, depende do nível de motivação no qual ele se encontra. A qualidade dessa energia — a motivação — tem duas origens: intrínseca e extrínseca (BZUNECK, 2009). Neste ensaio, a motivação extrínseca não será abordada, uma vez que “a motivação extrínseca se configura quando a atividade não é exercida como um fim em si mesmo, mas por razões externas a ela [...]” (LOCATELLI, BZUNECK e GUIMARÃES, 2007, p. 275), levando a compreender que não é caso de aplicação no contexto deste estudo.

Nas palavras de Bzuneck (2009, p. 9), “uma pessoa possui motivação intrínseca por uma atividade quando a executa como um fim em si mesmo, ou seja, o incentivo para exercer a atividade é a própria atividade. A gratificação está em fazer”.

A motivação intrínseca é o fenômeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo considerada [...] a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. Configura-se como uma tendência natural para buscar novidade, desafio, para obter e exercitar as próprias capacidades. Refere-se ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação. Tal envolvimento é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual, e autotélico [...] (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004, p. 143).

Seguindo: a motivação intrínseca é fundamental, porque dela depende todo o processo de aprendizagem. O sujeito precisa estar motivado a aprender, embora nem sempre o motivo seja o aprender em si. Não se refere, aqui, somente ao contexto escolar, mas sim a todos os outros aspectos da vida. A motivação é uma das principais variáveis relacionadas com o bom desempenho do processo de construção dos conhecimentos, e a motivação intrínseca é uma importantíssima influência na promoção da aprendizagem (BAQUERO, 1998).

No cenário escolar, partindo-se dessas considerações, é permitido afirmar que a escola deixa, muitas vezes, de fazer uso dos motivos intrínsecos (a curiosidade, o desejo de conhecer, a vontade de aprender, entre outros) e delimita a motivação do aluno no momento em que lhe confere um currículo engessado. Qualquer interesse do aluno pode transformar-se num interesse educacional, bastando para isso sensibilidade, criatividade e senso de oportunidade por parte do ensinante. É possível também argumentar que, apesar das inúmeras necessidades dos alunos, a escola não poderá satisfazê-las em sua totalidade; entretanto, ela poderá, sim, contribuir para a realização de boa parte delas quando assumir a natureza educacional de outras atividades não declaradamente educativas (ibid.).

Assim, conhecidas as definições da motivação intrínseca e agora as correlacionando com a perspectiva turística, é possível pensar que os turistas, participantes de uma experiência turística, estão, na maior parte do tempo, motivados intrinsecamente (muito embora se saiba que a fonte motivacional dos turistas seja variável) para explorar o novo entorno, para o autoconhecimento e para a aprendizagem. Aqui, ressalva-se que se excluem dessa afirmativa os turistas que se hospedam em resorts, uma vez que, em sua maioria, não interagem com o

entorno. Importante é destacar que o que se discute aqui é a motivação para construir conhecimentos no momento da experiência turística, e não os fatores motivacionais que levam um indivíduo a viajar ou a escolher determinado destino.

E como entender que o turista está intrinsecamente motivado a aprender? É conhecido que a curiosidade natural, a ansiedade saudável e o desafio criativo, inerentes ao turismo, despertam o imaginário e as expectativas que o antecedem, estimulando a manifestação da motivação intrínseca. A soma desses com os elementos sociais, contextuais e culturais forma o ambiente no qual o indivíduo estará inserido numa experiência turística. A influência do meio sobre o indivíduo é extremamente forte e determinante na construção de novos conhecimentos e no processamento das informações, levando-o a compartilhar e a enriquecer seus antigos conhecimentos. Compreende-se, dessa maneira, que a experiência turística (exceção para os turistas que se hospedam em resorts, cuja motivação principal é usufruir das facilidades dos mesmos) carrega fatores motivacionais intrínsecos e que pode ser utilizada como meio eficaz para a formação educativa.

4.3 OS ESTÍMULOS PARA A APRENDIZAGEM

Para que se entenda mais esse aspecto sinérgico que há entre a experiência turística e a educação, faz-se necessário, previamente, compreender as ações que envolvem a construção do conhecimento, incluindo a memória e os estímulos para a aprendizagem. Conforme as ideias de Ribeiro e Almeida (2005), a memória é uma faculdade cognitiva extremamente importante, simplesmente porque forma a base para a aprendizagem. Se não houvesse uma maneira de armazenamento mental de representações passadas, não haveria uma solução para tirar proveito da experiência do agora.

Ainda segundo as autoras, a memória envolve um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação de experiências, e, portanto, está intimamente associada à aprendizagem, que é a habilidade de o homem mudar seu comportamento por meio das experiências que foram armazenadas na memória; em outras palavras, a aprendizagem é a aquisição de novos conhecimentos, e a memória é a retenção dos conhecimentos aprendidos. Portanto, a aprendizagem e a memória são o suporte para o conhecimento, as habilidades e planejamento.

Conforme Bzuneck (2009) esclarece, existem, pelo menos, três diferentes processos identificáveis na memória humana, responsáveis pela realização das operações: codificação, retenção e recuperação. O primeiro processo — de primordial importância — é o de reconhecimento de padrões, que acontece na memória sensorial-motora e envolve associação de significação a um padrão sensorial. E é justamente nesse tipo de memória que está concentrada

a explanação da correlação existente com a experiência turística — por isso, as operações de retenção e recuperação não serão aqui discutidas.

Ainda à luz das teorias de Bzuneck, a memória sensorial é um sistema de memória que, com o auxílio da percepção da realidade captada pelos sentidos (por meio da visão, da audição, do olfato e do tato), retém, por alguns segundos, a imagem detalhada da informação sensorial recebida por algum dos órgãos do sentido. A memória sensorial é responsável pelo processamento inicial da informação sensorial e sua codificação. Em outros termos, ela funciona com um depósito de capacidade ilimitada, que armazena as informações do mundo conforme as recebe pelos órgãos do sentido. Interessante é saber que a memória sensorial tem duração muito curta, e que a decisão de manter as informações ou descartá-las para sempre deve ser tomada com rapidez; entretanto, esse assunto não será aqui abordado. A ideia fundamental é entender que a memória sensorial é imprescindível ao processo de construção do conhecimento e ao processamento da informação, pois é o primeiro passo, responsável pela codificação dos dados, e que, quanto maior forem os estímulos para a captação das imagens pelos órgãos do sentido, maior será o índice de entrada de informações — fomentando a aprendizagem.

Refletindo acerca da experiência turística, constata-se que, nela, estão presentes inestimáveis recursos captáveis pelos órgãos dos sentidos: as imagens diversas, as texturas, as cores, as pessoas, os aromas, a gastronomia, os diferentes cenários, os elementos naturais e artificiais, ademais, interações e fatores culturais. Isso pode significar que a memória sensorial terá disponível uma série de subsídios para gerar, em grande intensidade, os processos de construção dos conhecimentos.

Aprofundando-se um pouco mais esses argumentos e apoiando-se na ideia de Moran (2009), quando a aprendizagem ocorre enfaticamente no âmbito visual, tem-se uma maior facilidade cognitiva ao montar mapas mentais, que têm como ponto de partida os conceitos apresentados de forma icônica. É natural que os estímulos visuais possam vir a perder a atenção caso haja um grande número de estímulos conflitantes simultâneos (que pode ser o caso do turismo); entretanto, a percepção do ambiente pelo indivíduo é tão global que ele é capaz de, ao observar o todo, decompô-lo em partes, quando for necessário.

Passando à aprendizagem focada na esfera auditiva, verifica-se que trabalha cognitivamente criando histórias com o que se está ouvindo. Conforme Alvarez (1997) indica, a audição é um sentido que funciona sem interrupção, colocando o indivíduo em constante contato com seu meio: é o canal principal para a aquisição da linguagem verbal, tornando-se a base da palavra falada e escrita. Até mesmo as conversas travadas com os habitantes locais são ótimos recursos para a captação de informações. É um aprender orientado pela linguagem.

Como último estilo de aprendizagem, tem-se o sinestésico. Esse faz referência à aprendizagem por meio das experiências motoras, ou seja, aquela em que a prática é essen-

cial ao aprendizado. Em subitens anteriores, explanou-se a aprendizagem pela experiência, a qual, em certo sentido, faz parte desse estilo. Entretanto, o grande ponto positivo para a aprendizagem sinestésica, no contexto de uma viagem, é o próprio movimento das informações e a dinâmica dos acontecimentos, permitindo ao aprendiz interpretar os conteúdos presentes no cenário e colocar em prática o que está aprendendo. Nesse caso, para que se construa a informação, é importante que se associem movimentos, gestos e inflexões de vozes — o que, naturalmente, será proporcionado durante a experiência turística.

Em sùmula, o exposto acima revela que a atividade turística apresenta muitos caracteres que estimulam a aprendizagem, uma vez que disponibiliza — em grande quantidade — elementos que facilitam a captação visual, auditiva, olfativa e tátil, ademais de pôr em movimento todo o conjunto de ações composto por pessoas e ambientes.

Dando sequência nas ideias, percorrendo diferentes vertentes concernentes aos estímulos à aprendizagem e saindo do contexto da memória sensorial, é possível evidenciar outros elementos estimulantes ao aprendizado. Quando um sujeito pratica turismo, involuntariamente, mantém engrandecido o fator curiosidade. O viajante é, naturalmente, um ser curioso, e é justamente na intenção de saciar a curiosidade que ele viaja a destinos distantes, na expectativa de encontrar respostas às suas inquietações. Assim, a curiosidade (a epistemológica ou a ingênua) abre as portas da aprendizagem. Ademais, todo o universo encontrado é novidade: nada foi anteriormente visto ou já é demasiadamente reconhecido. Por isso, o turista sempre sustenta um alto grau de atenção a tudo que está à volta dele, assimilando conteúdos e processando as informações.

Por fim, completa-se esse subitem com o conceito de que um viajante, ao participar de uma experiência turística, está envolto por múltiplos recursos passíveis de captação pelos órgãos do sentido, inundando de informações a memória sensorial. Nesse contexto, os estilos de aprendizagem estão perfeitamente disponíveis possibilitando o aprendizado em qualquer situação. Tal afirmação conduz a aceitar que todos esses estímulos serão transformados em informação e, em conjunto com outros fatores, vão gerar a construção de novos conhecimentos.

4.4 A LUDICIDADE E O ÓCIO

O que é, de fato, o ócio? Qual a sua ligação com o processo de aprendizagem? Previamente, pode-se perceber que a atividade turística apresenta, na própria essência, alicerces de ócio e de ludicidade. Ao associar-se a atividade turística ao ócio (e ao aspecto lúdico), evidencia-se mais que a sinergia contribui para a conformação do processo educativo com o auxílio do ato de viajar.

Para começar, eis o entendimento de ócio:

Um conjunto de ocupações às quais os indivíduos podem dedicar-se voluntariamente para divertir-se, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de estar desligados de suas obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p. 19).

Assim, fazer uso do ócio em uma experiência turística não implica passividade, mas sim, considerá-lo um instrumento para dar sentido à vida, usando a imaginação e a fantasia e construindo a capacidade criativa. Por meio dessas ações, o ócio assume uma dimensão de enriquecimento pessoal, preenchendo a existência de conteúdos e impulsionando o sentido de responsabilidade — e isso também é educação.

No que concerne ao aspecto educacional, a união acontece quando se tem em mente que, quando se realiza uma viagem, combina-se o tempo livre, a aprendizagem e o ócio. Assim, o turismo é uma das maneiras para alcançar essa finalidade, porque carrega a vantagem de relacionar a aprendizagem com o aspecto lúdico, e “a aprendizagem é mais rápida e duradoura se é agradável e satisfatória em si mesma, e as melhores experiências educacionais assumem tal natureza lúdica” (PARKER, 1978, p. 112).

O aspecto lúdico é uma necessidade do ser humano, independente de idade, e não deve ser visto somente como divertimento. O desenrolar da ludicidade facilita a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal (social e cultural), ademais de contribuir para uma boa saúde mental, facilitando os processos de socialização, de expressão, de comunicação e da própria construção do conhecimento (BAQUERO, 1998).

A interação da ludicidade — prazerosa pela própria natureza — com a aprendizagem proporciona ao indivíduo a oportunidade de estabelecer relações cognitivas com as experiências vividas, bem como associá-las às demais produções culturais e simbólicas. Conforme esclarece Teixeira (1995), a ludicidade é uma atividade que apresenta valor educacional intrínseco, e, portanto, deve ser usada como recurso pedagógico, pois, ainda de acordo com o autor, as atividades lúdicas correspondem a um impulso natural que satisfaz uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta uma tendência lúdica.

Finalizando os conceitos que enredam o elemento lúdico, é sabido que ele apresenta elementos que o caracterizam claramente: o prazer e o esforço espontâneo. É considerado prazeroso em razão da capacidade de absorver o sujeito de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É esse aspecto de envolvimento emocional que o transforma em uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em

virtude dessa atmosfera de prazer na qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para a consecução do objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário. É justamente nesse contexto que a aprendizagem profunda, por meio da experiência turística, acontece (OLIVIERI, 2002).

Em conjunto com isso, existem outras questões congênicas à atividade turística: o contato interpessoal, o sentimento de liberdade e o próprio tempo de ócio criativo. Olivieri (2002) explica que, nos diálogos dos turistas, manifesta-se uma oportunidade para atingir um meio verbal de comunicação; isso porque eles exercem entre si uma ação pessoal, que excita os conhecimentos. A própria condição facilitada pelo turismo — estar livre de compromissos — induz a essa ação pessoal, resultando na adição de novas compreensões às antigas. Os contatos pessoais constituem a base dos grupos turísticos, os quais colocam em destaque a informação, o conhecimento, as experiências e o próprio contato. Para complementar, Carmargo (1986, p. 90) revela que “o turismo é considerado uma das mais nobres atividades de ócio”.

Em desenlace:

O ócio é um tempo propício para o desenvolvimento do exercício da busca do conhecimento e satisfação de curiosidade pessoal, independentemente do meio escolhido para esse fim [...] e abre um campo educativo amplo, não só para que se aprendam coisas novas, mas, principalmente, para o exercício das possibilidades de participação social lúdica (PACHECO, 2003, p. 5).

Portanto, ainda que destituída de obrigatoriedade, a atividade do turismo é também rica quanto ao caráter educativo; a aprendizagem acontece sem a preocupação de atingir um objetivo ou conteúdo determinado, ou seja, ocorre de maneira espontânea — é um aprender com diversão, com presença de ludicidade e forte profundidade intelectual.

5. Reflexões finais

Na perspectiva do turismo, reconheceu-se que seu entendimento compõe-se de diversas áreas do conhecimento e como, no decurso dos anos, se foi modificando e se mesclando gradualmente na experiência cotidiana das pessoas, fazendo das viagens um desejo eminente. Considerou-se também que cada um pode compreendê-lo de uma óptica particular, o

que conduz a admitir que o turismo assume importâncias relativas na escala de necessidades humanas. Por isso, o primeiro desafio da análise foi o de resgatar a essência educacional do fazer turismo e exibir suas conexões com o plano educativo.

Já no contexto educacional, em tempos atuais, o ato de viajar para conhecer faz parte da realidade e assume notável importância na educação do futuro. Essa formação pessoal moderna assenta-se, nas relações entre as pessoas, em uma aprendizagem pluricultural e no desenvolvimento de uma visão global mais além da superficialidade da mundialização — fala-se em compreender as insuficiências do gênero humano.

Assim, seria admissível que a experiência turística pudesse fazer parte integral dessa formação pessoal interdisciplinar, admitindo que a atividade colabora efetivamente com o processo educativo, permitindo ao ensinante trabalhar, de forma mais prazerosa e mais aberta, as práticas inovadoras. Uma experiência turística permite ao ser humano conhecer suas possibilidades e limitações, desbloqueando resistências e tendo visões mais claras sobre a importância de uma atuação social mais humanizada.

De tal modo, apresentando os argumentos pedagógicos (a aprendizagem pela experiência concreta, a motivação intrínseca, os estímulos visuais, auditivos e táteis, o elemento lúdico, o fator curiosidade e o permanente nível de curiosidade e atenção), sugere-se que o turismo pode ser um mecanismo de educação. Defende-se a ideia de que o turismo, além de ser uma atividade econômica, é uma área do conhecimento conveniente para complementar a formação dos homens. “Não mais o homem-férias, mas o homem como entidade absoluta. Um ser humano que se encontrou e tomou consciência de sua mobilidade e das razões que o levam a viajar” (KRIPPENDORF, 2009, p. 205).

Para que tudo isso se torne efetivo, sugere-se que haja, por parte dos investigadores do fenômeno turístico, maior interesse em desenvolver documentos científicos que demonstrem a natureza educativa da mencionada atividade. Os governos e as instituições responsáveis têm a possibilidade de inserir no ensino mais essa ferramenta, fomentando, desde cedo, a conscientização do valor do turismo como veículo catalisador do processo de edificação dos conhecimentos. É possível, já tendo conhecidos os mecanismos que fazem da experiência turística uma possibilidade didática, usar de suas características e positividade para a autoeducação.

Como última reflexão, destaca-se que as pessoas, evidentemente, aprendem de diferentes formas porque enfrentam as experiências de aprendizagem com base em uma combinação de traços cognitivos, afetivos e fisiológicos, que cada um articula de maneira pessoal e qualitativamente diferente. Também a herança, as experiências de vida e as demandas do ambiente determinam, em parte, como percebem e processam a informação. Em definitivo, não existe um estilo de aprendizagem mais correto que outro; mas resulta mais eficaz aquele

que é capaz de adaptar-se estrategicamente às mudanças velozes da sociedade moderna, exercitando habilidades e desenvolvendo capacidades de procedimento e de pensamento (LICERAS, 2000). Portanto, uma das principais missões do turismo, desde o enfoque educacional, é dotar os viajantes de instrumentos que possibilitem fomentar a formação pessoal com traços coletivos e universais, engrandecendo a participação ativa na sociedade e convertendo-os em agentes modificadores da própria educação, ou, indo mais além, que possam ser capazes de aprender a aprender.

6. Referências

- ALVAREZ, Ana Maria. **Processamento auditivo: fundamentos e terapias**. São Paulo: Lovise, 2000.
- BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1998.
- BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.
- BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BZUNECK, José Aloyseo; LOCATELLI, Adriana (orgs.). **Psicologia do ensino e da aprendizagem: Textos seletos**. Trabalho apresentado no Curso de especialização em metodologia da Ação Docente, CEMAD. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2009.
- CALIGHER, Sandra Bianca. **Turismo pedagógico**. São Paulo: Unibero, 1998. Dissertação (Graduação em Turismo). Faculdade Ibero-Americana, São Paulo, 1998.
- CAMARGO, Luiz Otávio. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CANCLINI, N. G. **La globalización: ¿productora de culturas híbridas?** Actas de III Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, Colombia, 2001. Disponível em: <www.hist.puc.cl/historia/iaspm/pdf/Garciacanclini.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2008.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo atividade marcante para o século XX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.
- DELORS, Jacques. **A educação encerra um tesouro: informe da UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI**. França: Edições UNESCO, 1995.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001 (Série Debates Ciências Sociais).
- ESCALONA, Francisco. En torno al Grand Tour. Análisis de un caso paradigmático. Disponível em: <www.eumed.net/ce/>. Acesso em: 16 jul. 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- FREIXA, Consol. **La imagen de España en los viajeros ingleses en el siglo XVIII**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1992. Tese (Doutorado) — Departamento de Geografia Humana, Universidade de Barcelona, Barcelona, 1992.
- GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, vol. 2, n.o 17, p.143-150, 2004.
- JIMÉNEZ, Martin; GÓMEZ, Ensinas. Turismo activo y outdoor training: metodología. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**. Madrid, vol. 4, ano 4, p. 69-79, out. 2008.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph, 2009.
- LICERAS, Angel Ruiz. **Tratamiento de las dificultades de aprendizaje en ciencias sociales**. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2000.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LOCATELLI, Adriana Cristine Dias; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. The motivation of adolescents in relation to the perspectives of the future. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, vol. 20, n.o 2, p. 268-276, 2007.
- MARTÍNEZ, Patrício. **El turismo educativo**. Disponível em: <naya.org.ar/turismo/encuentro2003/ponencias/16%20Turismo%20Educativo%20Martinezl.doc>. Acesso em: 11 jul. 2008.
- MORAN, José Manuel. Caminhos para a aprendizagem inovadora. In: _____; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 15. ed. SP: Papyrus, 2009, p. 22-24.
- MORIN, Edgar. **Los siete saberes necesarios a la educación del futuro**. Trad. Nelson Vallejo-Gomez. França: UNESCO, 1999.
- MUÑOZ, Mirian F. P. **Educación no formal: concepto básico en educación ambiental**. Disponível em: <http://dineba.minedu.gob.pe/xtras/educacion_no_formal_ambiente.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2008.
- OAIGEN, E. A educação e a autonomia do professor: caminhos para a emancipação. **Educação e Filosofia**, América do Norte, 8, nov. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1031/936>. Acesso em: 13 jun. 2008.
- OLIVIERI, Maria de Fátima. O turismo como agente educacional. **Revista Científica de Administração**, Araras, vol. 1, n° 1, 2002 (Faculdade de Ciências e Letras de Araras).
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO — OMT. **Código Ético Mundial para el Turismo**. Disponível em: <www.world-tourism.org/code_ethics/pdf/languages/Codigo%20Etico%20Esp.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2009.

- _____. **Introdução ao turismo**. Madri: OMT, 1998.
- PACHECO, Reinaldo Tadeu. **Turismo educacional**: que viagem é essa? Disponível em: <www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/Set03_Artigos/Turismo%20Educativo.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2008.
- PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PIMENTEL, Alessandra. **A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2010.
- RIBEIRO, Iolanda; ALMEIDA, Leandro. Velocidade de processamento da informação na definição e avaliação da inteligência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 21 n.o 1, p. 1-5, jan./abr. 2005.
- ROLAND, Fernando Jorge. **Viajeros ilustrados**. El Gran Tour, el Siglo XVIII y el mundo catalogado. Disponível em: <www.edhistorica.com/pdfs/VIAJEROS_Ilustrados_y_Romanticos_siglo_XVIII_XIX_.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2008.
- ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança**. São Paulo: Cortez, 1997.
- SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour**: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2008.
- SEMINÉRIO, Franco Lo Presti. **Piaget: o Construtivismo na Psicologia e na Educação**. São Paulo: Imago, 1996.
- TEIXEIRA, Carlos E. J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.
- THOMÁZ, Ricardo. **Turismo religioso o peregrinación**. Hospitalidad por los caminos de Santiago de Compostela — España. Disponível em: <www.unoeste.br/site/cursos/32/documentos/TURISMORELIGIOSOOPEREGRINACION.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2008.
- URRY, John. **Declaración de Manila sobre el turismo mundial**. Disponível em: <<http://turismoicultura-manila.blogspot.com/>>. Acesso em: 22 set. 2008.
- _____. **O olhar do turista**. São Paulo: Nobel/SESC, 2001.